



GT – GT03. Brasil não-metropolitano: temporalidades e espacialidades urbanas

A FÁBRICA DE CALÇADOS EM SANTO ESTEVÃO-BA E SUAS IMPLICAÇÕES NA RELAÇÃO CAMPO CIDADE

Leniara da Conceição Silva
Mestre pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
leniara.silva.22@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa que gerou uma dissertação desenvolvida no mestrado em geografia na Universidade Federal da Bahia, no qual analisou a influência da fábrica de calçados na cidade de Santo Estevão, na Bahia, assim como a mudança na relação campo cidade e na dinâmica economia local. Assim, o objetivo do trabalho consiste em analisar as transformações socioeconômicas no município de Santo Estevão-BA a partir da ação da fábrica de calçados e suas implicações na relação campo e cidade. Os caminhos metodológicos percorridos, a pesquisa foi realizada e desenvolvida por meio de entrevistas com órgãos da prefeitura municipal, lideranças rurais do campo, além das análises de dados oficiais em órgãos como o IBGE, IPEA, SEI, dentre outros. A sistematização das informações constituiu como etapa importante para a compreensão da realidade do município estudado.

Palavras-chave: Fábrica de calçados, Santo Estevão, Cidades Pequenas, Relação campo cidade

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendeu-se analisar as dinâmicas do espaço urbano na dimensão das transformações socioespaciais e econômicas no município de Santo Estevão após a chegada da fábrica de calçados. O município está localizado no interior da Bahia, inserido no Território de Identidade Portal do Sertão, próximo a 53 km da segunda maior cidade baiana, Feira de Santana e a 156 km da capital Salvador. O município de Santo Estevão apresentava uma população de aproximadamente 53 mil habitantes no ano de 2021 (IBGE, 2020).

Assim, o objetivo principal do trabalho consiste em analisar as transformações socioeconômicas no município de Santo Estevão-BA a partir da ação da fábrica de calçados e suas implicações na relação campo e cidade. Enquanto os objetivos específicos, elencou-se os seguintes: a) Compreender como o município de Santo Estevão foi incluído na industrialização difusa na Bahia; b) Analisar o papel da fábrica de calçados na dinâmica econômica do município de Santo Estevão; c) Observar as mudanças nas formas e fluxos urbanos após a chegada da fábrica; d) Correlacionar a influência da indústria calçadista e a relação campo e cidade no município.

A instalação da fábrica de calçados constituiu enquanto uma ação no espaço que modificou as formas de trabalho em algumas comunidades rurais e a lógica de permanência no campo, uma vez que absorve uma parcela da mão de obra rural, por outro lado, contribuiu para alterar a dinâmica da agricultura familiar e a reprodução dos cultivos. No que tange a cidade, a chegada da fábrica no ano de 2001 auxiliou para um crescimento urbano, mudanças nas dinâmicas comerciais e nos serviços e incremento na economia do município.

O município de Santo Estevão teve substancialmente sua base econômica na pecuária e na agricultura como principais atividades econômicas, majoritariamente praticadas em pequenos e médios estabelecimentos rurais. Era com a atividade agropecuária que o município se inseria na economia baiana até 2002, produzindo principalmente feijão, milho, carne bovina e aves (OLIVEIRA, 2012). No entanto, a economia mudou de forma considerável, e passou a ter lugar de destaque com mais de 68% do seu PIB no comércio e serviços, enquanto que a agricultura passou a representar pouco mais de 3% (IPEA, 2012). Tais mudanças econômicas foram impulsionadas principalmente pela instalação de uma grande fábrica de calçados “Dass Clássico” na cidade de Santo Estevão, que já no ano da sua instalação, em 2001, disponibilizou mais de 2.500 postos de trabalhos com carteira assinada. Esse cenário foi muito diferente ao longo do contexto histórico e econômico do município, tendo em vista que a agropecuária sempre teve destaque, e era uma das principais fontes de renda do município, além de ter sido um dos maiores produtores de fumo da Bahia. Segundo o IBGE (1958, p.308) a atividade fundamental à economia da região era a agricultura, “[...] o município encontra-se na "zona fumageira" e a produção do fumo em folha, no ano de 1955, o coloca em sétimo lugar no Estado”. Santo Estevão obteve destaque produtivo do fumo sob influência de alguns

municípios do recôncavo baiano, que, segundo Barickman (1999), obtiveram grande apogeu como centro produtor de açúcar e fumo, atravessando ciclos de prosperidade e retração, sustentado pelo sistema escravista-colonial brasileiro entre meados do século XVI a inícios do século XVIII. Até o século XX Santo Estevão possui em sua história estreitas relações com o campo, que desempenhava papéis centrais em contextos econômicos, políticos e culturais na localidade. Assim, no município, que possuía características agrárias predominantes na dinâmica socioespacial e econômica, ganha espaço configurações diferenciadas com novas formas e funções entrelaçadas às lógicas do capitalismo. Essa nova lógica organizativa teve grande influência com a implantação da fábrica de calçados na cidade, acompanhado de um considerável crescimento populacional urbano (SILVA, 2016)¹. Os usos, as formas e as funções criaram novos arranjos espaciais a partir da produção fabril, tecendo influências seja no campo, seja na cidade de Santo Estevão.

O desafio metodológico e a parte procedimental do trabalho iniciaram-se com levantamento bibliográfico, com revisões teórico-conceituais de autores que estudam a Industrialização difusa, juntamente com os processos que envolvem a produção do espaço urbano em cidades pequenas e sua relação com o campo. Conceitos estes fundamentais para compreender o objeto de estudo, em vista das transformações socioespaciais e econômicas de Santo Estevão tiveram significativas mudanças com o passar dos anos, seja nas mudanças na economia, seja nas novas dinâmicas urbanas e crescimento da cidade. Foram realizadas pesquisas bibliográficas visando compreender o processo de produção do espaço urbano do município em questão e de construir embasamento teórico sobre o tema central da pesquisa.

Os passos procedimentais fundamentaram-se também na pesquisa documental. Os dados e informações disponíveis em sites de instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Sistema Eletrônico de Informação (SEI) da Bahia, nos últimos Censos Agropecuário do IBGE (1996, 2006, 2017), assim como no próprio Acervo Público Municipal de Santo Estevão e no Departamento de Agricultura Familiar possibilitaram as análises necessárias ao

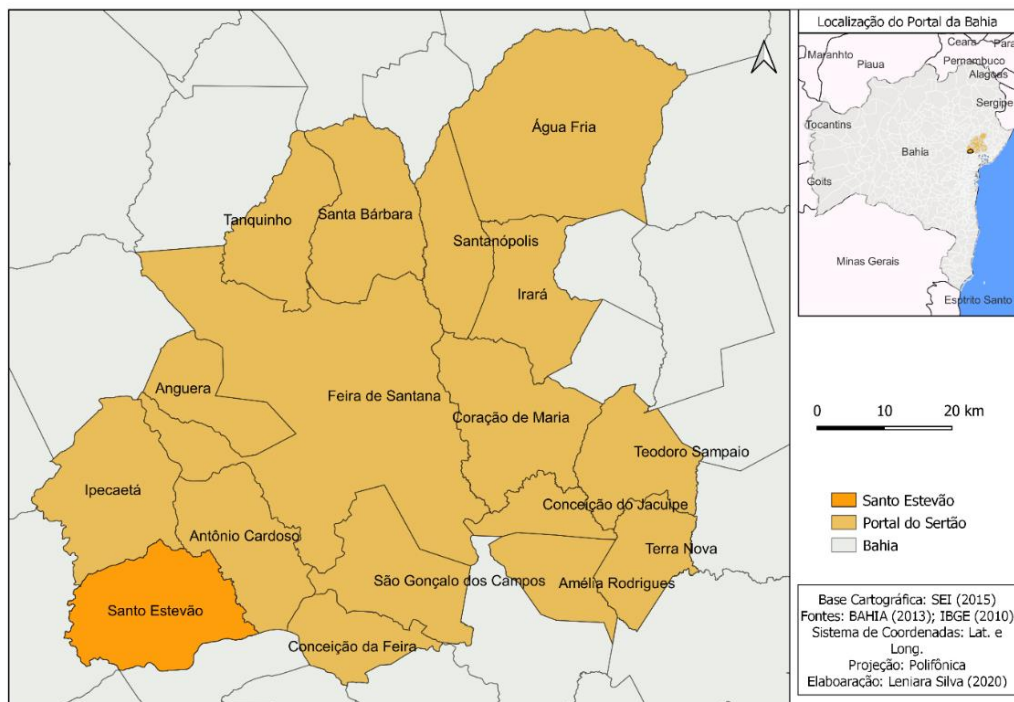
¹ Pesquisa produzida na Iniciação Científica por Silva (2016), tendo como foco principal a análise do processo de urbanização na cidade de Santo Estevão-BA, a qual teve como recorte espacial a área central, seus processos e agentes produtores desse espaço urbano.

desenvolvimento do trabalho. Os procedimentos assumidos diante da proposta se apresentaram também por meio dos relatos antigos em jornais, revistas e sites da própria Prefeitura Municipal de Santo Estevão, a fim de obter informações que pudessem contribuir na análise das mudanças espaciais e econômicas ocorridas no município; no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) para investigar as características do processo de ocupação e expansão da cidade, assim como em instituições públicas e privadas como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares de Santo Estevão- SINTRAFSE.

2. DO PROTAGONISMO DO SETOR PRIMÁRIO A PRODUÇÃO FABRIL EM SANTO ESTEVÃO-BA

Santo Estevão é um município do interior da Bahia, localizado atualmente no território de identidade Portal do Sertão, a 156 km da capital baiana, Salvador (Figura 1). O município se estende em unidade territorial, segundo o IBGE (2010), de 362,961 km², com 42% da sua população ainda residente no campo, um quantitativo de 20.190 habitantes, no entanto, uma maior concentração da população urbana (57,8%), com um quantitativo de 27.690 habitantes concentradas na cidade.

Figura 1- Município de Santo Estevão, Território de Identidade Portal do Sertão-BA, 2020



Fontes: BAHIA (2013), IBGE (2010). Elaboração: SILVA, L. C. (2020)

O município possui um espaço agrário diverso, com comunidades rurais bastante ativas na prática da agricultura familiar e com práticas socioculturais e econômicas que tem em seu histórico as práticas identitárias dos camponeses, mesmo diante das influências externas ao campo, a exemplo da fábrica de calçados como um importante vetor de trabalho.

Santo Estevão se destaca economicamente em relação a alguns municípios vizinhos, como Antônio Cardoso, Ipecaetá, e Rafael Jambeiro. Municípios estes ligados economicamente e culturalmente a Santo Estevão, uma vez que existe um fluxo migratório pendular de pessoas para a cidade com o intuito de realizar compras e trabalhar, o que alavanca principalmente o setor terciário e a indústria, influenciando na economia local do município estudado.

No que tange a um breve contexto histórico, Santo Estevão se enquadrou como freguesia do município de Cachoeira, na Bahia, até o ano de 1921, era na economia do fumo e nas culturas de subsistências, até meados da década de 1970, que Santo Estevão se inseria como suas principais atividades produtivas. Assim, a principal fonte de renda da população santo-estevense centrava nas atividades agropecuárias, reafirmando o caráter essencialmente rural da população nesse período (IBGE, 1958). Herança essa que perpassou desde o período áureo do fumo na freguesia de Santo Estevão do Jacuípe, quando:

A pluralidade econômica foi uma característica dos habitantes da Freguesia de Santo Estevão do Jacuípe na segunda metade do século XIX. Estes sujeitos sobreviviam do plantio de culturas variadas. Embora existissem outras produções que movimentavam a economia da freguesia, como a do açúcar, algodão, mandioca e também a pecuária, foi a produção fumageira que possibilitou a formação de médias e de algumas poucas grandes riquezas (MACHADO, 2019, p. 22).

De acordo com o recente estudo feito por Conceição (2021) sobre a produção do fumo na Freguesia de Santo Estevão do Jacuípe, sua importância no contexto da produção se deu desde o ano de 1620, no século XVII, quando teve o início da plantação do tabaco na região. Esta produção na freguesia inseriu-se de maneira lenta e gradual, que, segundo a autora, só veio de fato a participar como a quinta área produtiva no ano de 1690.

De acordo com Silva (2001), a produção do fumo no recôncavo baiano, considerado como a “lavoura de pobre”, foi responsável pela grande exportação do produto, além de movimentar toda cadeia produtiva que centrava desde o trabalho das mulheres charuteiras nas

fábricas até os trabalhos manuais exercidos nas casas dos próprios camponeses pobres, que tanto produziam por conta própria para vender no comércio local, quanto perpassava pelo intermédio dos atravessadores e, por fim, a venda diretamente para as fábricas nas cidades.

O caráter agrícola da população eminentemente rural construiu a base econômica local, assim como também a demografia do município. No que se refere à questão demográfica, o histórico da concentração das trocas comerciais na cidade e a expansão comercial resultaram no crescimento populacional, como pode ser observado na Tabela 1. O cenário urbano do município muda com o passar das décadas.

Tabela 1- Santo Estevão: população total rural, urbana; taxa de urbanização e percentual da população da cidade sobre a total, por décadas, 1940-2010

Períodos	Total	Rural	Urbana ¹	Taxa de Urbanização ²	Cidade	(%) cidade sobre total
1940	26.242	25.108	1.134	4,32	156	0,59
1950	31.665	30.086	1.579	4,99	1.437	4,54
1960	35.787	23.393	12.394	34,63	3.059	8,55
1970	25.410	20.782	4.628	18,21	4.530	17,83
1980	30.863	23.476	7.387	23,93	7.404	23,99
1991	37.007	24.353	12.654	34,19	12.654	34,19
2000	41.145	21.452	19.693	47,86	19.693	47,86
2010	47.880	20.190	27.690	57,83	27.690	57,83

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010). Organização: a autora (2019).

Notas: 1 - São incluídas as pessoas que vivem nas sedes de outros distritos e povoados;

2- Percentual da população urbana sobre a total;

Segundo o IBGE (2000), foi após a década de 2000, que o município apresentou as maiores taxas de urbanização, ou seja, uma maior concentração da população urbana (57,8%) que ultrapassou a rural (42%). É relevante destacar referente aos dados da Tabela 1, que, entre as décadas de 1940 e 1950, os dados reafirmam o caráter rural que o município ainda possuía, uma vez que a população da sede na década de 1940 era de 156 habitantes e a taxa de urbanização alcançava os 4,3% (IBGE, 2010).

Os aglomerados urbanos entre as décadas de 1940 e 1950 possuíam números irrisórios de pessoas residentes, assim a cidade e seu modo de vida, em aspectos econômicos e culturais, formas e suas funções carregavam estreitas relações com o campo. O espaço se transforma quando acompanha o ritmo de crescimento e de concentração espacial da população, influenciado principalmente pelos fluxos econômicos. De acordo com Santos (2020),

[...] na medida em que a economia se altera profundamente, assim como a sociedade correspondente, e na medida também que os tipos de relações econômicas e de toda ordem mudam substancialmente, as cidades se tornam rapidamente outra coisa em relação ao que eram até então (SANTOS, 2020, p. 64).

Assim, percebe-se que o número da população rural do município de Santo Estevão, até o ano de 2000, sempre esteve superior a população urbana. Não se configurava apenas um dado isolado, pois os motivos pelos quais a população se encontrava essencialmente no campo se davam, em especial, pelos fatores histórico e econômico. A forte relação que o município tinha com o setor primário, a agricultura principalmente, fazia com que as pessoas se fixassem no campo, e esse aspecto possui resquício desde o início da estruturação socioeconômica do município e, de certo modo, perdura até hoje.

3. A GUERRA ENTRE OS LUGARES: O CENÁRIO DA CHEGADA DA FÁBRICA EM SANTO ESTEVÃO

A complexidade das relações e dos processos produtivos presentes na cidade de Santo Estevão influenciam a configuração do espaço agrário do município. A lógica produtiva que exercia protagonismo e que estava centrada na agricultura e pecuária, foi se enfraquecendo economicamente. Esse cenário se modificou ainda mais no século XXI, sob influência da indústria calçadista que se instalou na cidade. Esse fenômeno passou a atrair de forma crescente uma força de trabalho ligada à agricultura, principalmente os jovens. Essa atração se tornou um dos principais fatores que fez emergir um novo cenário econômico em Santo Estevão, vinculados a uma nova dinâmica social e econômica pautada pela industrialização difusa e as consequentes transformações na Agricultura Familiar. Segundo Schneider (1996):

A ideia de dispersão ou difusão tem sua origem no próprio processo de desenvolvimento industrial, no qual ocorre a disseminação de atividades industriais, em geral de pequeno e médio porte, em espaços também ocupados por outras atividades econômicas, majoritariamente, a pequena agricultura. (Reis, 1985, apud. Schneider, 1996)

No espaço do campo e da cidade emergiram formas de trabalho, de produção, de culturas e de sociabilidades. A esse propósito, Schneider (2004) assinala que:

A industrialização é entendida como um processo social que, além de demonstrar sua superioridade econômica sobre as demais formas de trabalho afeta, significativamente, uma série de valores e instituições alheias à produção e ao mercado como a tradição, a disciplina, os costumes e a etnia; enfim, o modo de vida vigente (SCHNEIDER, 2004, p.49).

Dessa forma, para além das mudanças econômicas, o modelo de industrialização por meio da instalação de fábricas em cidades pequenas causa novas configurações sociais e transformam os valores culturais diferentes daqueles, portanto, dos antes existentes, alterando-se as formas tradicionais de reprodução sociocultural do trabalho. Tais alterações, no caso de Santo Estevão, ocorreram com maior impacto por conta do papel que a indústria calçadista assumiu gradativamente após a sua instalação. O processo de crescimento das cidades, acompanhado pela industrialização e urbanização fizeram surgir uma nova realidade social, caracterizada pela cultura urbana, vinculada ao sinônimo do moderno e civilizado. Em contrapartida, o campo tem sido idealizado como o espaço do arcaico e atraso. No entanto, esta concepção apresenta modificações com o passar das décadas, principalmente pela inserção de novas dinâmicas no campo, como defende Graziano da Silva (1981). No que tange a essa lógica, o crescimento das cidades, assim como o desenvolvimento do modo de vida tipicamente urbano, expande cada vez mais, processo esse que faz surgir desaparecer dinâmicas urbanas e, acima de tudo, rurais.

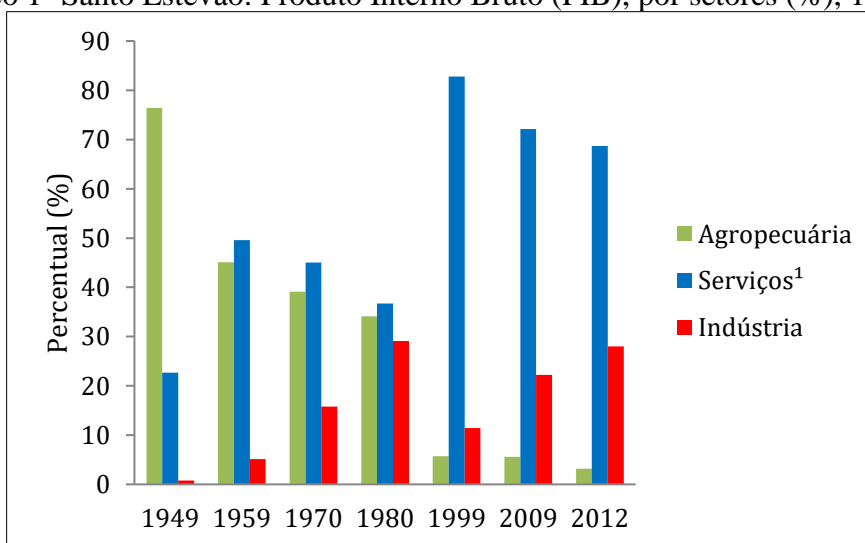
A empresa Dass Clássico, que teve uma das suas filiais instaladas na cidade de Santo Estevão no ano de 2001, é responsável pela produção de artigos esportivos como calçados e vestuários com marcas próprias ou com empresas de destaque internacional sob concessão, como Fila, Tryon, Dilly e Umbro, e de clientes estrangeiros, como Nike, Adidas, Puma, Reebok e Asics. No entanto, as principais marcas produzidas na unidade fabril de Santo Estevão são a Nike e a Fila, sendo que a maior parcela dos artigos produzidos é vendida para os estados do Sul e Sudeste, além de exportar para a Argentina e Estados Unidos. A empresa ganhou destaque na produção investindo fortemente em tecnologia, transformando ao longo do tempo em uma das organizações industriais calçadistas mais modernas da América Latina² (DASS, 2010, OLIVEIRA, 2012).

² O grupo Dass Clássico emprega atualmente 24.000 trabalhadores nas unidades instaladas pelo Brasil. A empresa é responsável pela produção de peças de artigos esportivos (calçados esportivos, uniformes para futebol, chuteiras, confecções). No final do ano de 2020 a empresa fechou seu faturamento com uma receita de R\$1,639 bilhão, período em que o mundo enfrentava uma das piores pandemias causadas pelo Covid-19. No ano mais difícil do setor, o grupo investiu R\$80 milhões na abertura de lojas, fábricas e na compra de máquinas, contratou três mil novos colaboradores e se manteve, pelo segundo ano consecutivo, no topo do setor têxtil, couro e vestuário. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/09/29/valor-1000-grupo-dass-reverte-as-perdas-de-um-ano-dificil>. Acesso em: 04/06/2022

A instalação da fábrica é mais um dos exemplos de como o capitalismo cria estratégias para usar dos espaços para acumular seu capital utilizando-se principalmente da mão de obra barata dos trabalhadores nos locais mais vulneráveis. A sede da empresa fica no Rio Grande do Sul, seguindo, pois, a lógica dicotômica entre os centros de comando e os centros de produção. Normalmente estas empresas mantêm suas sedes administrativas nas cidades dos seus estados e distribuem suas fábricas nos locais mais distantes, onde dispõe das melhores vantagens fiscais para a produção visando ao lucro. Dessa forma, reproduz-se, assim, uma divisão territorial do trabalho em escala nacional (OLIVEIRA, 2012).

O projeto de instalação de fábrica de calçados em Santo Estevão esteve conectado com a implementação de polos calçadistas na Bahia. Anterior à década de 1990, o Nordeste possuía uma tímida produção do ramo, estando esse setor concentrado nas regiões Sul e Sudeste. Após este período, os estados da Bahia e Ceará se tornaram os estados com maior produção no Nordeste, influenciados pela desconcentração fabril causada pela abundante e barata mão de obra disponível, pelos incentivos fiscais e pela logística de escoamento da produção (OLIVEIRA, 2012). A instalação da fábrica de calçados criou um novo cenário em Santo Estevão, depois da década de 1990 aconteceu uma transição econômica no município, modificando a dinâmica produtiva tanto no campo quanto na cidade, como pode ser visto no Gráfico 1. Nesta perspectiva, antes a população se encontrava em sua grande maioria em atividades agrícolas e também na pecuária, o cenário ganha novas formas e novas funções com a chegada do século XXI.

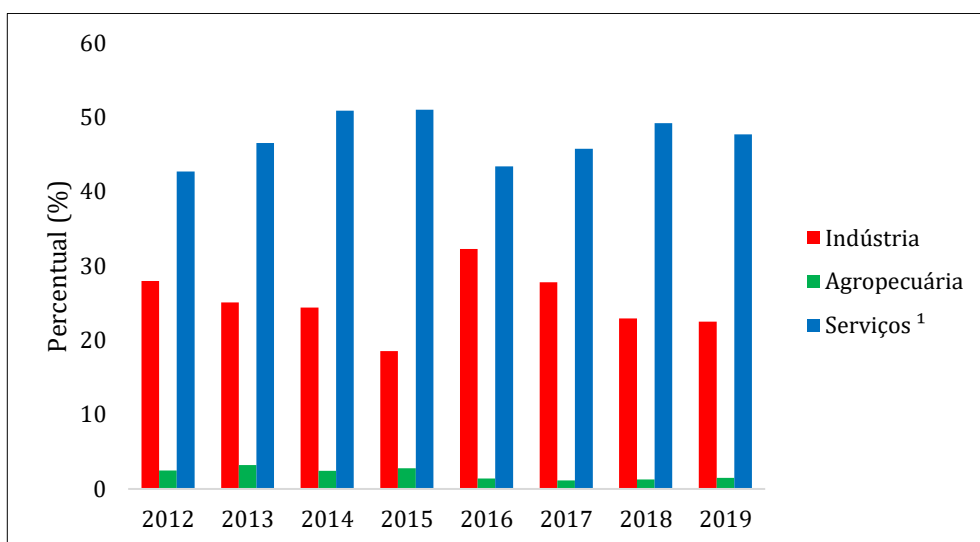
Gráfico 1- Santo Estevão: Produto Interno Bruto (PIB), por setores (%), 1949-2012.



Fontes: IPEA (2014); SEI (2011). Organização: a autora (2020). Nota: 1 - O comércio está incluso.

Posteriormente, a implantação da fábrica de calçados da empresa Dass Clássico na cidade no ano de 2001 foi um vetor de atração para o trabalho assalariado na cidade, esta que abriu mais de 2.500 postos de trabalhos, aumentando a circulação de dinheiro e a economia local (OLIVEIRA, 2012). No ano de 2020, a empresa já empregava mais de 5.000 funcionários diretos, incluindo os terceirizados que prestavam serviços diretamente à fábrica, pagando o valor do 1 salário mínimo aos seus “colaboradores”. Compreender como este número de trabalhadores exerce influência direta nos usos do espaço, via consumo, dinâmica populacional e fluxos contínuos no campo e na cidade permite entender como era o espaço de Santo Estevão antes e depois deste tipo de empreendimento. Em relação aos cenários mais recentes, o PIB do município permaneceu com as mesmas características econômicas que as analisadas anteriormente, porém com crescimento nas atividades terciárias, serviços e comércio, além do crescimento nos dados da produção do setor industrial, como pode ser visto no Gráfico 2.

Gráfico 2- Santo Estevão: Produto Interno Bruto, por setores (%), 2012-2019



Fonte: IBGE (2017). Organização: a autora (2020).

Nota: 1- O comércio está incluso.

Com relação às mudanças econômicas que o município experimentou, as novas formas de trabalho de origem industrial se inseriram nos principais quadros de empregos presentes no município, compreendendo desde o assalariamento direto da fábrica e indiretamente no

comércio e serviços. Essa força de trabalho é originária tanto do meio rural, quanto da própria cidade de Santo Estevão e de alguns municípios vizinhos.

A inserção da fábrica de calçados em Santo Estevão criou novos fluxos e usos no espaço, tanto no campo quanto na cidade. As formas materiais mudaram o conteúdo das paisagens, o antigo espaço urbano modificou-se para responder às novas demandas, criando assim outras formas e funções para atender às transformações que o novo espaço apresentou. No caso da fábrica, a sua funcionalidade permitiu criar outra dinâmica na economia municipal, no ramo habitacional, no lazer, no comércio e serviços, porque o trabalho e o novo incremento na renda da população local impactaram nas configurações espaciais. Sobre esse tema, Santos (2020) afirma que:

O movimento da totalidade social acarreta mudanças no equilíbrio entre diferentes instâncias ou componentes da sociedade, modificando os processos, exigindo novas funções e atribuindo diferentes valores às formas geográficas. O espaço responde as alterações na sociedade por meio de sua própria alteração (SANTOS, 2020, p.77).

O fluxo de funcionários da empresa em questão na cidade é intenso, principalmente nos horários iniciais de entrada de cada grupo. Para os trabalhadores que residem nas áreas rurais, o deslocamento para o local de trabalho na citada fábrica é feito com maior dificuldade, a depender da qualidade das estradas. O ir e vir criou um novo fluxo no espaço rural, principalmente para aqueles que possuem sua própria motocicleta como meio de transporte para ir trabalhar, como pode ser visto na Figura 2.

Figura 2- Um dos estacionamentos dos funcionários da fábrica de calçados em Santo Estevão-BA.



Fonte: SILVA, C. L. Trabalho de campo (2020).

Neste raciocínio, os trabalhadores que se deslocam das áreas rurais mais distantes são ainda mais penalizados, já que a empresa não dispõe de vale transporte, o que acaba pesando no salário líquido final com gastos em gasolina ou passagens nos transportes de terceiros. A dimensão da quantidade dos funcionários pode ser vista com o volume das motocicletas nos estacionamentos da empresa destinados aos seus trabalhadores, no total são cinco pátios de estacionamentos que ficam repletos de motos e bicicletas.

A instalação da fábrica de calçados no ano de 2001 modificou por completo o cenário econômico do município, que ocasionou também o redirecionamento da produção espacial no âmbito habitacional e comercial. Assim, para Schneider (2004, p.47), no capitalismo “[...] o processo de industrialização passou a ser sinônimo de urbanização, e ambas noções associadas à ideia de desenvolvimento econômico e progresso”. A fábrica é analisada socialmente como sinônimo do progresso, do crescimento econômico no município, sendo assim, as demais atividades não formais são menos relevantes em termos da valorização social e na hierarquia das profissões.

Santos (2020) compreende o espaço enquanto instância da sociedade, nele contém e está contido as diversas instâncias econômica, social, cultural e ideológica. Porém, a essência do espaço é social, por que o espaço é a natureza mais a sociedade. É no espaço que as firmas, as instituições, os homens e o meio ecológico se articulam e suas funcionalidades e se dão pelos caminhos que o modo de produção vigente estabelece. Além disso, “cada lugar, ademais, tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo. Este, como se sabe, é formado de produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo” (SANTOS, 2020, p.13).

Para Santos (2020), o espaço é a totalidade, e cada lugar exerce uma função dentro dessa totalidade, assim como está interligado ou sofre influência dos sistemas produtivos externos. Neste contexto, o município de Santo Estevão não foge dessa lógica, a produção do espaço local, o consumo e a circulação de mercadorias e pessoas estão conectados aos sistemas produtivos. A fábrica encontra-se, portanto, inserida nessa lógica de contradições. Sua função maior é destinada à reprodução do lucro por meio da extração da mais-valia. A energia dos trabalhadores é o que alavanca a produção para o enriquecimento dos agentes de fora, detentores do monopólio e do poder da empresa.

As relações existentes entre o campo e a cidade ajudam a entendermos os contextos das mudanças e transições econômicas que Santo Estevão apresentou. Se por um lado, a instalação da fábrica de calçados configurou um fator de auxílio na permanência de muitos sujeitos no campo que, com novas possibilidades empregatícias, decidiram não migrar para outras cidades ou estados, por outro lado, essa nova relação contribuiu para o distanciamento desses sujeitos das atividades agrícolas. Desse modo, os novos cenários produtivos e econômicos ajudaram a promover descontinuidades de uma cultura camponesa de muitas famílias do campo, o fato de não mais perpetuar as práticas de trabalho e de tradições que fazem parte das gerações dos sujeitos camponeses, por exemplo. A inserção de uma parcela das pessoas, jovens em especial, em um novo modelo de trabalho, o assalariamento na cidade, enfraqueceu em parte a agricultura familiar do município. Esse processo é perceptível através da análise da entrevista feita com a Secretária de Agricultura Familiar do município de Santo Estevão, a responsável pela mesma pontuou os principais impactos na pequena agricultura após a implantação da fábrica no município:

Teve um impacto muito grande. Eu analiso como ponto negativo pela falta da permanência do jovem no campo, mas o outro lado, também com ponto positivo, referente à renda, por que todos nós dependemos dessa renda pra a sobrevivência. Eu falo em relação àquelas pessoas que antes trabalhavam no campo, depois com a vinda da fábrica, deixaram suas atividades agrícolas para ser trabalhador assalariado. Com certeza teve impacto! até porque a nossa renda do campo é mínima e a renda da fábrica, que é uma renda fixa, o trabalhador sabe que vai receber. Mas o impacto foi muito grande, por que os pais que já estão idosos, com 50, 60, 70 anos, ele juntamente com o seu filho ia pra roça e fazia aquele plantio maior, hoje com a falta desses filhos, a falta da permanência desses filhos eles evitam até fazer esse plantio. Então isso teve um impacto de, não vou te dizer 100%, mas de 90% na produção agrícola do nosso município (Entrevista concedida por J. C. G.C no dia 31.01.2020).

A implementação da fábrica de calçados contribuiu ainda mais para o afastamento dos jovens da participação na produção agrícola familiar nas últimas décadas. Além dos fatores terra e renda, resultante hoje da pequena produção agrícola e pela limitação fundiária. No entanto, esse impacto gera um sentido oposto, uma vez que, para muitas famílias rurais, ter um filho ou filha assalariado (a) na fábrica é visto como algo positivo. Outro ponto é que, ao terem os filhos trabalhando na cidade, os pais evitam distanciar-se deles, pois estes não migram para lugares mais distantes, o que dá continuidade à ligação familiar e de proximidade com o campo.

No entanto, é falaciosa esta ideia que penetrou também nos espaços rurais sobre o trabalho assalariado urbano como algo positivo e com um teor romantizado. O trabalho de Oliveira (2012) demonstrou diversas precariedades em que os funcionários da fábrica de calçados são expostos constantemente. Além do trabalho exaustivo de repetição, já houve casos de mutilações de dedos e mãos dos trabalhadores causados pelas máquinas nas linhas de produções. O cheiro forte dos produtos que são usados para colar os sapatos também é outro elemento prejudicial, causando tonturas e desmaios nos funcionários. As péssimas condições de trabalho, os baixos salários são problemas estruturais típicos do sistema capitalista, que penaliza os mais pobres.

Em relação aos processos que influenciam a área de estudo, a instalação da fábrica na cidade de Santo Estevão apareceu como uma solução para o “problema” econômico que o município encontrava. A estagnação econômica e a falta de oportunidades de trabalho foram mais os motivos norteadores para o município se colocar na lógica de um dito modelo de desenvolvimento para o Nordeste e na descentralização econômica proposta pela SUDENE³, criada no final da década de 1950. Deste modo, para Oliveira (2012):

Muitos estados brasileiros (a exemplo da Bahia e do Ceará) iniciaram o século XXI influenciados fortemente por uma política de crescimento econômico calcada no fiscalismo, como meio de promover a atração de novos empreendimentos cujo objetivo mais apregoado era gerar emprego e renda. Para muitos governos estaduais e municipais que empreendem tais ações, o mercado é interpretado como o grande agente norteador e estruturador das bases produtivas (OLIVEIRA, 2012, p.68)

Os estados e as cidades do Nordeste que possuíam maiores vantagens comparativas para as grandes empresas fabris, com mão de obra barata, isenções fiscais, melhor estrutura para escoar a produção, dentre outros fatores, ganharam destaque e maiores possibilidades de atrair o capital produtivo. Inserido nessa lógica, Santo Estevão entrou nessa “batalha” regional. Sob a ação dos agentes hegemônicos locais, visando superar o “problema” da estagnação econômica do município e para melhorar o quadro econômico, o governo local em parceria com o Estado,

³ Em 1956, o Governo Federal criou o Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste - GTDN, encarregado de identificar os principais problemas da região, as oportunidades para superá-los, e os mecanismos mais eficazes para desenvolver econômica e socialmente a Região. Em 1959 o congresso nacional cria a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, uma espécie de estrutura administrativa adequada, e elencou como prioridade o desenvolvimento da Região mediante a diversificação da produção interna, através principalmente da industrialização. (CARVALHO, 2001)

juntamente com os interesses da empresa Dass Clássico⁴, apresentaram a “solução”, que seria a instalação da grande fábrica de calçados na cidade.

Com o cenário vantajoso, o município apresentou elementos suficientes para ganhar essa “guerra entre lugares”, que, segundo Santos, (2006, p.167), “[...]ganha cores dramáticas quando está em jogo o problema do emprego”. Podemos destacar a existência de mão de obra barata abundante e a necessidade da empresa de expandir a produção, as lideranças políticas locais estavam dispostas a investir forte para esse projeto, isentando a empresa de tributos por longo prazo⁵ como formas de atrativos.

Além das isenções fiscais, a exemplo da redução do imposto de renda, a isenção de 99% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cedidas à empresa, o município possui uma localização estratégica, o território de Santo Estevão que é cortado por uma BR Federal de bastante fluxo, a 116 Sul. Além disso, o município também tem proximidade com a capital baiana e com Feira de Santana, esta última sendo a segunda maior cidade da Bahia e considerada polo industrial e comercial da microrregião da Bahia.

O município de Santo Estevão está nessa lógica de crescimento econômico precário, uma vez que criou um crescimento no número de trabalhadores assalariados e no efeito renda consumo. A exploração do trabalho, caracterizada pela exploração da mão de obra barata e pouca qualificada fornece vantagens para a continuidade do funcionamento da fábrica por mais de duas décadas no município. Assim, trata-se de uma relação de permanente incerteza, pois a fábrica pode ficar nas cidades onde instalaram suas filiais até quando os lucros, as estruturas técnicas e os incentivos fiscais existirem. Além disso, as vulnerabilidades e as fragilidades a que estes lugares ficam submetidos abrem margem para as chantagens das empresas, que sustentam o argumento de finalizar com as atividades se suas imposições não forem cedidas. A respeito desta relação desigual de forças, Nery (2016) discute que:

Esses espaços, ditos ganhadores e/ou vencedores por terem atraído empresas de trabalho-intensivo através da guerra fiscal, apresentam, num primeiro momento,

⁴ A fábrica de calçados instalada em Santo Estevão em 2001 tinha como nome a Dilly calçados, posteriormente no ano de 2003 houve uma fusão na empresa entre os grupos empresariais Clássico e a Dilly, transformando o nome do grupo como Dass Clássico (OLIVEIRA, 2012).

⁵ O nome jurídico da empresa é Dass Nordeste Calçados e Artigos Esportivos S.A. Atualmente a empresa possui 18 unidades espalhadas pelo Brasil, em sua maioria, as instalações se encontram no Nordeste.

dinamismo na geração de emprego e renda, durante certo tempo. Isto ocorre em virtude de o lugar possuir um grande contingente de força de trabalho disponível e, ao incorporar essa massa de trabalhadores ao mercado de trabalho, gera um crescimento provisório, incerto, com prazo de validade e sem garantias de permanência no tempo/espaço. Essa realidade configura, o crescimento econômico precário. (NERY, 2016, p.58)

Santos (2000) também já apontava os efeitos catastróficos ligados às chantagens ideológicas que estas empresas criam ao se instalarem em lugares empobrecidos. Segundo o autor:

“Todavia, mediante o discurso oficial, tais empresas são apresentadas como salvadoras dos lugares e são apontadas como credoras de reconhecimento pelos seus aportes de emprego e modernidade. Daí a crença de sua indispensabilidade, fator da presente guerra entre lugares e, em muitos casos, de sua atitude de chantagem frente ao poder público, ameaçando ir embora quando não atendidas em seus reclamos. Assim, o poder público passa a ser subordinado, compelido, arrastado (SANTOS, 2000, p.34).

A guerra entre os lugares transforma o espaço em mercadoria, essa lógica reflete também nas novas formas de produção fabril, desencadeada após a revolução industrial. O trabalho se torna alheio ao sujeito, sobretudo no âmbito do modelo de produção fordista. A especulação modifica toda a dinâmica do espaço, buscando construir novos arranjos espaciais mais sintonizados à lógica da reprodução do capital, para se inserir no modelo urbano-industrial. Tal lógica pode ser percebida quando:

“O espaço, portanto, tornou-se a mercadoria universal por excelência. Como todas as frações do território são marcadas, doravante, por uma potencialidade cuja definição não se pode encontrar senão a posteriori, o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente em conjunto. (SANTOS, 2012, p.30)

A conjuntura de desenvolvimento do país no bojo do século XXI se desdobrou para novas tendências de mercantilização, um capitalismo “espontaneista”, mais estratégico, que transformou a forma de conceber qualquer relação comercial no Brasil e em outros países do mundo. Essa lógica inseriu o município de Santo Estevão em um modelo de desenvolvimento globalizado com valorização do setor industrial e urbano.

A cooptação de Santo Estevão para a inserção em uma perspectiva de produção industrial difusa e descentralizada, através das ações dos agentes hegemônicos locais, buscou “superar” o caráter agrário e a estagnação econômica que o município apresentava, principalmente na década de 1990. Sendo assim, se investiu na produção industrial e promoveu a interiorização de atividades industriais de modelo fabril como mecanismo de alcançar o

crescimento econômico. No entanto, o mesmo teor de incentivo produtivo e de caráter técnico não foi destinado a uma base produtiva importante, a agricultura familiar. O poder público municipal deixou de potencializar ações de fortalecimento do campo, o que contribuiu para tornar o rural um espaço estagnado em termos de produção agrícola familiar e sem grandes políticas públicas de geração de renda no campo.

Os ciclos de expansão de desenvolvimento econômico que não se articulam às diversas possibilidades de geração de renda não constituem como um modelo de desenvolvimento igualitário. Se por um lado, qualquer produção econômica, seja ela estanque ou não, promove certo tipo de desenvolvimento, a mesma também pode promover desigualdades, o que penaliza os mais pobres. Assim, não dá para superar a desigualdade sem a promoção da qualidade de vida, sem superar a dependência econômica e sem diminuir a falta de autonomia produtiva. Refletindo sobre esses processos de distribuição desigual do desenvolvimento, Santos (2020) nos mostra que:

Nessas condições, a forma como a mais-valia alcançada será distribuída e o seu destino geográfico passam a ter uma importância fundamental. Se a produção aumenta, mas só alguns se beneficiam dos seus resultados financeiros, a massa de consumidores pode não aumentar, ou somente aumentar quantitativamente. Nesse caso, as relações criadas não permitem o desenvolvimento de cidades de um nível mais elevado (SANTOS, 2020, p. 112).

A fábrica, sob a lente do conceito marxista de mais valia, apenas se apropria do espaço de Santo Estevão, de sua força de trabalho através dos funcionários e dos recursos naturais do município. O espaço se torna apenas a base material para sua fixação. As dimensões culturais, artísticas, políticas são instâncias que a empresa que gerencia a fábrica não fomenta no município. O espaço é, pois, uma mercadoria por excelência e tudo que ele oferece é o pano de fundo para a reprodução da lógica capitalista de produção. O espaço e o trabalho no capitalismo possuem uma relação indissociável, tendo em vista que ambos são enxergados como elementos capazes de produzir mercadorias, para gerar riquezas para os proprietários. Assim:

Para o capitalista, a compra dessa força de trabalho é a compra de uma mercadoria especial, pois é a única capaz de criar outras mercadorias, ou seja, a única que cria mais valor do que aquele que ela própria contém. Portanto, no ato de produção, o capitalista destina seu capital para a aquisição da força de trabalho e dos meios de produção. Nesse processo, a força de trabalho torna-se propriedade econômica do capitalista, algo que pertence ao capital e não ao trabalhador (OLIVEIRA, 2007, p.37)

A lógica de enxergar o espaço enquanto mercadoria e o trabalho enquanto propriedade econômica de quem paga também está presente no município de Santo Estevão. Esse sistema de produção hegemônica que penetra nos lugares mais pobres e frágeis economicamente e deslegitimam outras formas de desenvolvimento, outras formas de produção. Absorvem e investem em uma única concepção de produção baseada no industrial, que se opera de forma mecanizada e de forma urbana, que expropria toda riqueza produtiva existente no lugar. Santos (2012, p.68) já dizia “o crescimento apenas pelo crescimento não é desejável. O crescimento deve ser subordinado aos dados sociais”. Crescer é evoluir em qualidade de vida para todos, sem essa lógica, a reprodução das desigualdades e das explorações estão sendo geradas nas entrelinhas da chamada produtividade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instalação da fábrica de calçados na cidade de Santo Estevão é vista como uma das penetrações do capital fabril no espaço que modificou as relações produtivas e sociais no campo e na cidade. Anterior à instalação da fábrica, o município possuía sua economia ligada às atividades agropecuárias e o pequeno comércio que abastecia a população local. Na década de 1990, o município se encontrava em um cenário econômico de estagnação, as atividades agrícolas já apresentavam um declínio produtivo, influenciados pela falta de políticas públicas, pelo processo progressivo causado pela migração e perda de população rural. Visto a urgência de novos postos de trabalho no município, o poder público municipal articula uma força tarefa para o município receber uma fábrica com intuito de resolver o aumento no número de desemprego e contribuir para minimizar a migração rural. Possuindo características geográficas estratégicas e excesso de mão de obra barata, Santo Estevão se insere no modelo de desenvolvimento para o Nordeste, implementado pela SUDENE. Com objetivo de descentralização industrial, alimentado pela vinda de fábricas para a Bahia, utilizando de todas as benéficas, como as inserções fiscais e todo aparato técnico para receber este tipo de empreendimento, o município se insere na lógica de industrialização difusa.

Com a instalação da fábrica de calçados, ao longo das décadas o campo vem presenciando uma descontinuidade dos trabalhos agrícolas pelos mais jovens de algumas comunidades, esta realidade é o resultado de como o campo se apresenta atualmente no que

tange a geração de renda. A percepção do campo como sinônimo do atraso ainda é partilhada pelas novas gerações, e enquanto as políticas públicas não alcançarem de maneira eficiente o campo permitindo meios para os jovens alcançarem o trabalho remunerado e processos que possibilitem a ascensão social, a cidade será alimentada constantemente como o espaço do progresso e emprego. É nesta perspectiva que “ o preconceito, o baixo nível de renda e a penosidade do trabalho na agricultura afastam os jovens da profissão de agricultor” (SCHNEIDER, 1999, p. 189), por sua vez, quando inseridos nos trabalhos urbanos se dá de forma precarizada, excludente e, em sua maioria, entram nos trabalhos informais.

A juventude rural está inserida em maior grau nos trabalhos urbanos, assalariados na fábrica, no setor público municipal e no comércio. A não adesão dos jovens à agricultura é consequência da fragilidade da agricultura familiar alimentado pela falta de políticas públicas no campo, além das influências da modernidade que cria modelos de sociedade, de trabalho e de sociabilidades. O modelo de trabalho a ser inserido é o assalariado, urbano e estável, mesmo que este seja mal remunerado, exploratório e seletivo.

5. REFERÊNCIAS

IBGE. **Censo Demográfico**: Bahia. Recenseamento Geral do Brasil, 1940. Rio de Janeiro: 1950

_____. População rural e urbana. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso: 20 jan. 2020

MACHADO, L. G. **Terra, Trabalho e Riqueza na Freguesia de Santo Estevão do Jacuípe, (1840-1888)**. Trabalho de conclusão de curso em História (Monografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

NERY, M. G. S. **As implicações socioespaciais da instalação de fábrica de calçados em Itapetinga-BA, Nova Serrana-MG e São João Batista-SC**. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

OLIVEIRA, I. R. **Indústria de calçados e implicações socioespaciais: a grande fábrica de calçados no município de Santo Estevão - BA**. Dissertação (mestrado). Curso de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2020.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 4ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2006 [1996].

_____. **Pensando o Espaço do homem**. 5ª edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2012.

SEI- Perfil dos Territórios de Identidade / Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (Série territórios de identidade da Bahia, v. 2). **SEI**, 3 v. p. Salvador, 2016.

SCHNEIDER, S. Os Colonos da Indústria Calçadista: Expansão Industrial e as Transformações da Agricultura Familiar no Rio Grande do Sul. **ENSAIOS FEE**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 298-323, 1996.

_____. **Agricultura Familiar e Industrialização. Pluriatividade Descentralização Industrial no Rio Grande do Sul**. 2 ed. UFRGS. Porto Alegre, RS, 2004

SILVA, L. C. A materialização do centro de Santo Estevão-BA: história, processos e suas influências. **Sitientibus**, n. 55: 1-8 (jul./dez) Feira de Santana-BA, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/4553>. Acesso em: 10de maio de 2020.

SILVA, R. E. **Fazer Charutos: uma atividade feminina**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas – UFBA. Salvador, 2001.

SILVA, Graziano. **A modernização dolorosa**. 2 ed. Zahar editora. Rio de Janeiro, 1981.